

Explorar a Cidade



Baixa



Neste percurso propomos dar a conhecer melhor a Baixa Pombalina.

Através dos documentos guardados no Arquivo Municipal de Lisboa, vamos viajar do presente ao passado e futuro desta zona da cidade.

O que sabemos sobre a Baixa?...



A Baixa que nós conhecemos resulta do terramoto de 1 de novembro de 1755, mas ao longo dos tempos diferentes povos aqui se foram instalando. A cidade de Lisboa foi crescendo ao longo do rio Tejo, a sua principal via de comunicação. Por aqui

entravam e saíam todo o tipo de mercadorias; os mercadores foram-se fixando nas proximidades, com as habitações por cima dos locais de venda.

Antes do terramoto, a Baixa funcionava já como um local cheio de vida entre dois grandes largos, o Terreiro do Paço e o Rossio; além de palácios nobres, imensas igrejas e capelas, era ocupada por uma rede de ruas estreitas e tortuosas onde se podia encontrar de tudo um pouco para comprar e vender. Esta foi a área mais atingida pelo terramoto e pelo incêndio que se seguiu. Tudo foi destruído e arrasado. Dos planos de reconstrução apresentados pelo engenheiro-mor do reino Manuel da Maia, o Marquês de Pombal escolheu o de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, que hoje vais ficar a conhecer melhor.

Como dar início a este percurso?

Este percurso começa no Campo das Cebolas e termina na Praça da Figueira (mas também podes fazer o percurso ao contrário ou saltar alguns pontos que não vão ao encontro dos teus interesses).

À medida que avanças são apresentadas imagens (guardadas no Arquivo Municipal de Lisboa) e informações sobre alguns locais importantes. Terás que ler a informação, refletir para ficares a conhecer melhor a história destes locais, responder a algumas questões e no final colocar no mapa o número de cada imagem no local respetivo.

Se pretenderes saber mais informação, basta seguir os links que podes consultar facilmente.

Se quiseses podes ainda enviar perguntas e fotografias do percurso que fizeste ou do local que mais gostaste para o nosso email arquivomunicipal.se@cm-lisboa.pt

Boas descobertas!

Campo das Cebolas (ou Largo José Saramago)



Este local foi há muitos séculos uma zona de praia, local de acesso ao rio pela população moradora na colina do castelo. No século XVI, seguindo o exemplo de [D. Manuel I](#), a nobreza e a burguesia mercantil instalam os seus palácios ao longo da frente ribeirinha. Como exemplo disso, permanece até hoje a Casa dos Bicos no Campo das Cebolas, mandada construir por Brás Albuquerque em 1523, onde podes visitar

vestígios arqueológicos da época romana: um troço da antiga muralha e de uma fábrica de conservas de peixe. Aqui também podes conhecer melhor a obra de [José Saramago](#), o único escritor português que ganhou o Prémio Nobel da Literatura (o prémio mais importante do mundo dado aos escritores).

Foi ainda no século XVI que se instalou nesta praça o Mercado da Ribeira Velha, onde se vendia uma grande variedade de produtos alimentares que aqui chegava pelo rio (carne, peixe, frutas e muitos legumes, entre os quais provavelmente as tais cebolas que dão o nome ao lugar). Havia também tabernas e petiscos vendidos na rua como peixe frito, além da natural agitação de chegadas e partidas de embarcações com mercadorias no cais ou rampa de acesso ao rio.

Nos finais do século XIX, uma remodelação da zona ribeirinha da cidade deu origem a grandes aterros que ganham área em direção ao rio. Fica assim desativado o antigo cais da Ribeira Velha, abrindo-se o espaço onde mais tarde viria a surgir a avenida Infante D. Henrique.

➤ **Procura junto à Casa dos Bicos uma oliveira e descobre porque razão ali está.**

Estação Fluvial de Sul e Sueste

No início do século XX, a Estação Fluvial Sul e Sueste foi projetada para ligar Lisboa às linhas ferroviárias do sul do país, que terminavam no Barreiro. Não havia possibilidade de fazer uma ligação ferroviária direta entre o Norte e o Sul.

➤ **Sabes porquê?**

➤ E já agora, o que quer dizer fluvial?



Inicialmente, foi construída uma estação provisória, situada na Praça do Comércio, mas era apenas um barracão de madeira e ferro, demasiado pequeno e desconfortável. O edifício atual, com projeto do arquiteto [Cottinelli Telmo](#), foi inaugurado em 1932 e destaca-se pelo seu caráter moderno e pelo compromisso com as necessidades próprias de uma estação com grande movimento.

Em 2011, devido ao aumento de passageiros, foi aberta ao público uma nova estação, ao lado da antiga, que oferece serviços frequentes entre Lisboa e o Barreiro com ligação direta à estação de metro do Terreiro do Paço. Assim, todo o tráfego fluvial e terrestre passou a ser feito através das novas instalações, estando as antigas atualmente encerradas. Em 2019, teve início um programa de requalificação da frente ribeirinha de Lisboa junto à Praça do Comércio, que inclui a construção de um novo terminal fluvial, e a requalificação da estação de Sul e Sueste.

Cais das Colunas



O cais das colunas é composto por cerca de 3000 blocos de pedra calcária de lioz e faz parte do projeto da Praça do Comércio para a reconstrução da cidade após o terramoto de 1 de novembro de 1755, da autoria dos arquitetos [Eugénio dos Santos](#) e [Carlos Mardel](#) com [Manuel da Maia](#), engenheiro-mor do reino. Hoje em dia, este local oferece uma magnífica vista sobre o Tejo, Cacilhas e Almada. No entanto, não podemos esquecer que durante séculos foi a principal entrada marítima da cidade, cais de chegadas e partidas e palco de receções a pessoas importantes (reis, presidentes e chefes de Estado).

No início do século XIX popularizaram-se os banhos no rio por motivos de saúde, e os lisboetas recorriam às ‘barcas de banhos’ fundeadas neste cais. Ao longo dos tempos, as colunas que dão nome ao cais têm sofrido desventuras, substituições, derrubes e desaparecimentos. Nelas podes encontrar inscrições já bastante apagadas que comemoram as viagens do então chefe de Estado [Marechal Carmona](#) às terras do Império Ultramarino Português.

➤ **Consegues indicar as datas que estão inscritas nas colunas oriental e ocidental em numeração romana?**

Praça do Comércio (ou Terreiro do Paço)

A Praça do Comércio constitui a porta simbólica da nova cidade reconstruída depois do terramoto e é considerada uma das praças mais bonitas do mundo, evocando o papel fundamental de Lisboa como capital de um império ligado ao mar.

Desenhada como espaço emblemático do poder real, sublinhado pela estátua do rei e pelo arco triunfal no lado norte, o nome ‘do Comércio’ traduz o elogio da burguesia mercantil que assim ficou para sempre associada à reconstrução da cidade após o terramoto de 1755.

Mas a memória da cidade destruída ainda permanece:



- O antigo nome Terreiro do Paço continua a ser utilizado e é uma referência ao Paço da Ribeira que aqui esteve durante cerca de 250 anos.
- A forma da praça invoca o antigo Terreiro do Paço.
- Os arcos dos lados nascente e poente retomam a ideia das arcadas das ruas da cidade onde se reuniam os comerciantes e ao mesmo tempo fazem lembrar as portas da antiga muralha.
- E os torreões evocam o torreão do Paço da Ribeira projetado por [Filippo Terzi](#), que era um marco significativo na paisagem de Lisboa.

Muitos lisboetas correram para o antigo Terreiro do Paço no dia do terramoto, procurando abrigar-se das derrocadas num local aberto e salvar-se fugindo da cidade num dos inúmeros barcos que se encontravam no cais aportados. Mal estas pessoas sabiam o erro grave que estavam a cometer.

- **Se estivesses em Lisboa naquele dia, o que farias para te abrigares?**

Sabemos que a terra tremeu três vezes naquele dia em Lisboa e que o epicentro (o ponto da superfície terrestre onde se regista a intensidade máxima de um movimento sísmico) ficava debaixo do oceano Atlântico. Assim, formaram-se também três maremotos que entraram pela cidade e arrastaram as pessoas, os animais e todos os seus bens, arruinando muitas casas que ainda tinham ficado de pé. Um dos edifícios emblemáticos que sofreu mais com a destruição dos maremotos foi o próprio Paço da Ribeira.

Estátua equestre de D. José



No centro da Praça do Comércio ergue-se a estátua equestre de [D. José I](#) desenhada pelo escultor [Joaquim Machado de Castro](#) e fundida por Bartolomeu da Costa, tenente-general de engenharia. Foi inaugurada no dia de aniversário de D. José, em 6 de junho de 1775, quando só metade da praça estava construída. No lado esquerdo do pedestal está o Triunfo conduzido por um cavalo e do lado direito o elefante (que representa o Império ultramarino português) conduzido pela Fama. No lado virado para o rio encontra-se um medalhão com o busto do [Marquês de Pombal](#). No lado oposto, o artista esculpiu uma cena em que Lisboa é resgatada dos destroços, ajudada pelo governo, a virtude, a generosidade real, a providência humana e a arquitetura. Na época da sua construção, era o único monumento da cidade de Lisboa. Há quem diga que esta estátua nunca tem pombos devido às serpentes que o cavalo pisa.

➤ **Há uma adivinha popular que pergunta: qual é a pata direita do cavalo de D. José?**

Arco da Rua Augusta

O famoso arco triunfal faz a passagem para a rua Augusta, no mesmo local onde outros arcos, provisórios, foram erguidos durante festas públicas e visitas reais. Este só foi concluído entre 1862 e 1873 com projeto de Veríssimo José da Costa. No topo vemos um conjunto esculpido pelo francês Célestin Anatole Calmels que representa o Génio e o Valor, coroados pela Glória com a inscrição “Às virtudes dos Maiores, para que sirva a todos de ensinamento”. E a sigla P.P.D. (*Pecunia Publica Dedicat*) em latim, que significa ‘Construído com o Dinheiro do Povo’. Por baixo, vemos esculturas feitas por Vítor Bastos que representam grandes figuras históricas: [Viriato](#), [Vasco da Gama](#), o [Marquês de Pombal](#) e [D. Nuno Álvares Pereira](#); as figuras deitadas nas laterais representam o rio Tejo e o rio Douro.

- No Arco, ao centro estão as armas de Portugal e no lado oposto, ao centro, o que está?



Rua Augusta



7

1885

LISBONNE. - RUE AUGUSTA.

A Rua Augusta é o eixo principal do plano da Baixa de [Eugénio dos Santos](#) e [Carlos Mardel](#), intersetada e ladeada por uma série de outras ruas, com diferentes graus de importância consoante a sua largura e a simplicidade dos seus edifícios. Liga em linha reta a Praça do Comércio ao Rossio, um percurso que no tempo anterior ao terramoto era bastante sinuoso.

Os edifícios construídos nas ruas da Baixa pós-terramoto tinham que obedecer a instruções muito minuciosas para garantir rapidez na construção e segurança contra catástrofes. Não podiam ter mais de 4 andares, com fachadas iguais; eram construídos com uma estrutura interna de madeira chamada «gaiola», com paredes corta-fogo entre eles, que se erguiam 1,5m a 2m acima dos telhados para impedir a propagação dos incêndios.

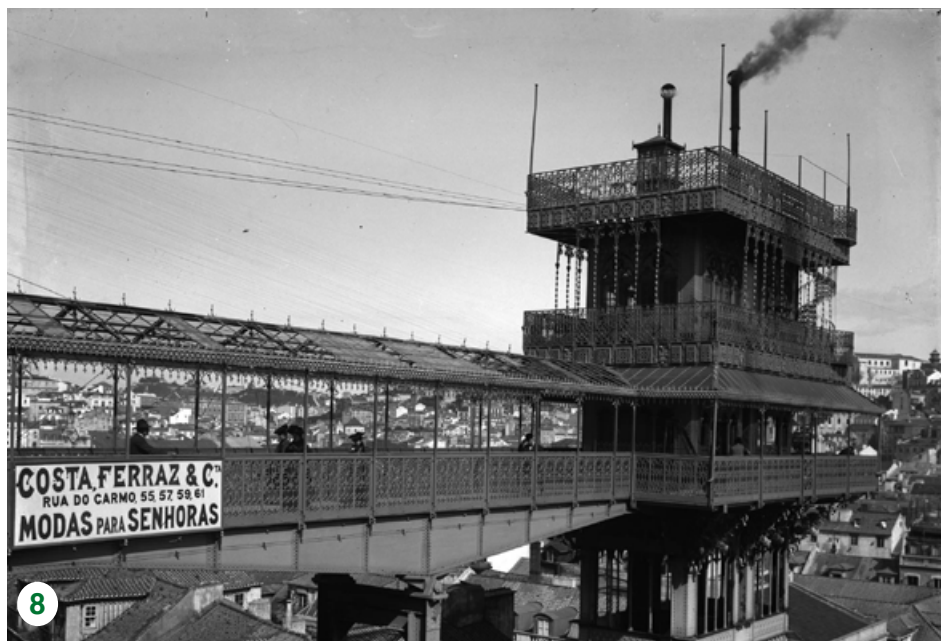
Um aspeto curioso é o nome das ruas paralelas e perpendiculares à rua Augusta. No sentido sul/norte, de acordo com uma tradição que vem da época medieval, os nomes das ruas dizem respeito aos negociantes ou artífices que nelas se estabeleceram: rua do Ouro, dos Sapateiros, Correeiros, Douradores. Nas ruas no sentido este/oeste vemos nomes da tradição religiosa local: S. Julião, Conceição, S. Nicolau, Vitória, Assunção e Santa Justa.

Fechada ao trânsito desde 1984 e revestida a calçada portuguesa, a rua Augusta inicialmente foi local de comércio de tecidos de lã e seda. Hoje conta com todo o tipo de lojas e animação de rua: vendedoras de flores, de castanhas assadas, malabaristas, esplanadas...

Não deixes de espreitar a Casa Macário que é uma [Loja com História](#) no nº 272.

➤ **Rua Augusta é um nome abreviado. Sabes qual o nome completo desta rua?**

O Elevador de Santa Justa



O Elevador de Santa Justa é uma obra de arquitetura em ferro concebida por [Raul Mesnier de Ponsard](#) para ligar a Baixa ao Largo do Carmo.

Foi inaugurado em 1902 e funcionava a vapor, mas em 1907 passou a trabalhar a eletricidade. É feito em ferro fundido, sobe 45 metros (o equivalente a 7 andares) e pode levar cerca de 24 pessoas em cada cabine (existem duas).

Rossio (ou Praça de D. Pedro IV)

A Praça de D. Pedro IV é assim conhecida desde 1836, mas só em 1870 foi inaugurada a estátua do rei [D. Pedro IV](#) com quatro figuras femininas a seus pés, que representam a Justiça, a Sabedoria, a Força e a Temperança, qualidades atribuídas ao rei. A estátua é ladeada por duas fontes monumentais colocadas em 1889.



Para os lisboetas, no entanto, a praça continua a ser o Rossio, originalmente um espaço vago e amplo onde se realizavam feiras e mercados, permitindo o contacto entre os mundos urbano e rural. Em tempos aqui se fez a feira da ladra e até uma feira de gado. Foi palco de atividades diversas, lugar de touradas e autos de fé (cerimónias em que eram tornadas públicas as sentenças do tribunal da Inquisição), além de passeios e proezas equestres. Após o terramoto de 1755, a praça foi aumentada e ordenada, mas manteve o seu papel como ponto de encontro tradicional para lisboetas e visitantes.

No lado oriental da praça ficava o Hospital Real de Todos os Santos, mandado construir no final do século XV pelo rei [D. João II](#) e que aqui se manteve até pouco depois do terramoto. Muito danificado, o edifício do hospital acabou por ser derrubado.

No topo norte, onde vemos o edifício do Teatro Nacional de D. Maria II, é sensivelmente o local onde esteve o Palácio dos Estaus, conhecido como sede do Tribunal do Santo Ofício (ou Inquisição, antigo tribunal criado pela Igreja Católica para julgar os acusados de heresia e outros delitos contra a fé) que aqui se instalou no século XVI. Arrasado pelo terramoto, foi reconstruído como Palácio da Inquisição. Em 1836 foi destruído por um incêndio e finalmente em 1846 foi inaugurado como teatro.

O empedrado em basalto e calcário de lioz com um padrão de ondas brancas e pretas chamado ‘Mar Largo’ embeleza a praça a partir de 1849.

➤ **Conheces algum outro local do mundo onde existe este padrão?**

➤ Largo de S. Domingos

Alguns momentos importantes da história da cidade de Lisboa tiveram lugar neste largo:



1 - Em 1506, na sequência da expulsão dos judeus do reino de Portugal, deu-se o massacre de Lisboa ou a matança da Páscoa. Instigada pelos padres dominicanos (da Igreja de S. Domingos), a população lisboeta perseguiu e matou centenas de judeus. Em memória deste acontecimento trágico, a Câmara Municipal de Lisboa colocou um memorial no centro do largo em 2008.

➤ **Descobre em que dia isso aconteceu.**

Depois, toma um minuto do teu tempo a imaginar a cena terrível que aqui se passou e pensa no que pode ser feito para evitar que ainda hoje continuemos a assistir a massacres deste tipo em vários lugares do mundo.

2 - No edifício cor-de-rosa que conhecemos como Palácio dos Condes de Almada (ou da Independência) tiveram lugar várias reuniões que levaram à revolução de 1 de dezembro de 1640 e à Restauração da Independência de Portugal. **D. Antão de Almada**, proprietário deste palácio na altura, foi um dos conjurados que conspiraram para acabar com o domínio espanhol em Portugal, dando o nome a uma rua mesmo perto deste largo. Consegues descobrir qual é? O Palácio é hoje em dia a sede da Sociedade Histórica da Independência de Portugal.

3 - Também neste largo, em 1840, um galego chamado Espinheira abriu uma taberna. Diz-se que foi a primeira loja a vender ginjinha em Lisboa.

➤ **Imaginas que frutos são usados para fazer este licor muito apreciado ainda hoje por lisboetas e turistas?**

Igreja de S. Domingos



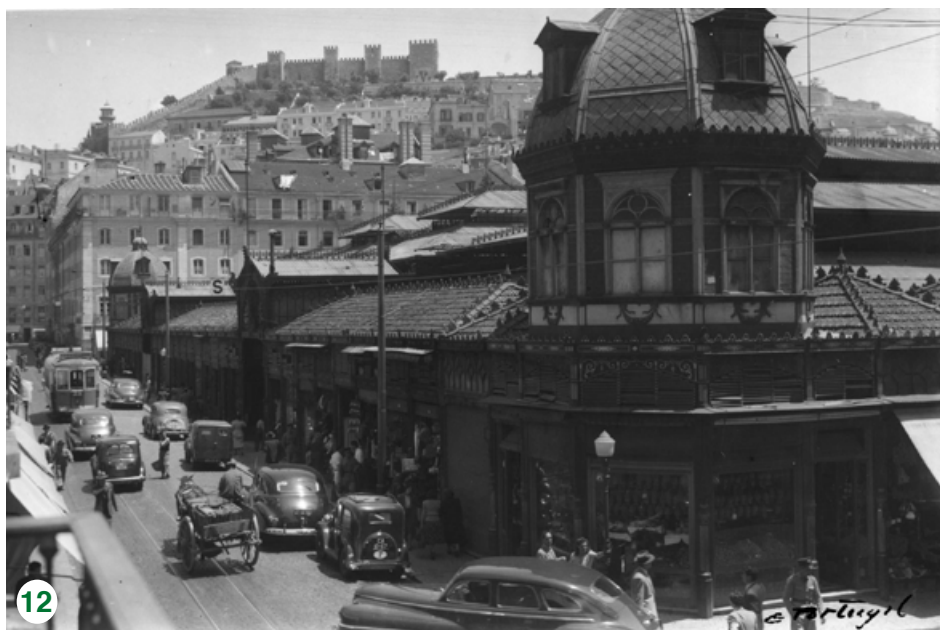
11

O Convento de S. Domingos em Lisboa foi fundado em 1242 por D. Sancho II, no então chamado Campo da Corredoura (uma das principais vias de saída da cidade desde a época romana) junto ao Rossio. Em 1755, com o terramoto, a estrutura conventual sofreu muitos estragos.

Com a extinção das ordens religiosas em Portugal em 1834, todo o património que pertencia aos dominicanos neste local é vendido, mantendo-se apenas a igreja. São abertas duas novas ruas (a rua D. Antão de Almada e a Travessa Nova de S. Domingos) e edificadas novas construções. Em 1959, a igreja volta a sofrer uma nova catástrofe vindo a ser objeto de obras de melhoramento. Ainda assim, se entrares lá dentro apostos que consegues descobrir o que aconteceu.

➤ O que achas que se passou?

Praça da Figueira



12

O espaço da Praça da Figueira era ocupado pelo Hospital de Todos-os-Santos, que ardeu em 1750 e foi depois muito danificado pelo terramoto. Em 1775, o hospital foi extinto e os doentes são transferidos para o edifício do Colégio de Santo Antão (atual Hospital de S. José), que estava vago devido à expulsão dos jesuítas do reino. A Praça da Figueira (na altura conhecida como Praça Nova) torna-se um mercado de frutas e hortaliças ao ar livre, até que em 1885 é construído um edifício coberto em ferro e vidro, onde os lisboetas podiam comprar carne, peixe, frutas e hortaliças, flores e até tabaco.

Em 1949, problemas de escoamento do trânsito automóvel na Baixa levam à demolição deste mercado e à abertura da praça como a conhecemos hoje. Apesar disso, ainda funcionou como parque de estacionamento durante duas décadas e só em 1971 foi inaugurada a estátua equestre de [D. João I](#), por [Leopoldo de Almeida](#), que ainda hoje aqui se encontra.

Ao longo dos tempos, muitas formas de transportes têm circulado por esta praça, desde as antigas carroças e cavalos, até aos elétricos e automóveis e agora, tuk-tuks, trotinetas e bicicletas.

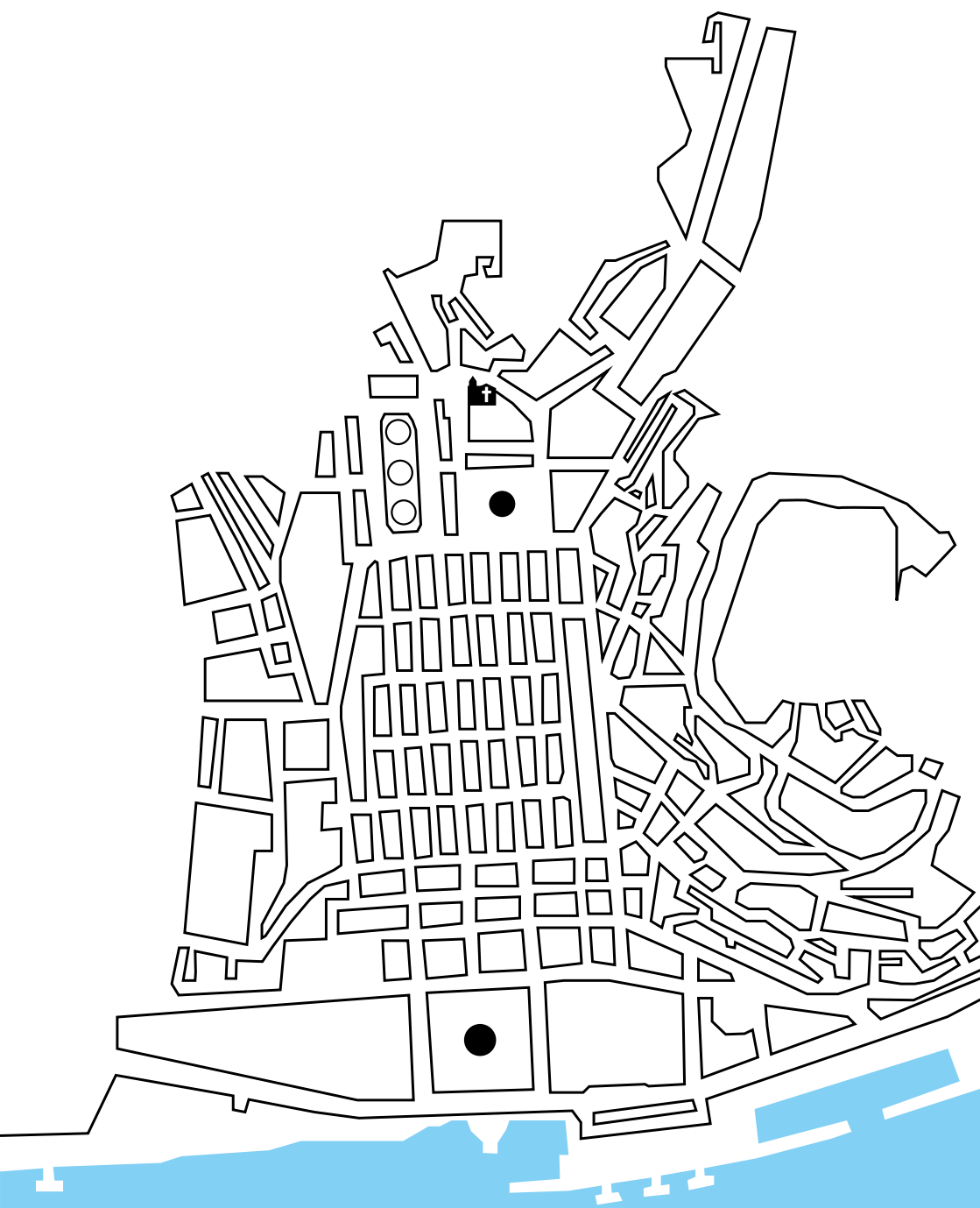
➤ Como serão os transportes do futuro? Consegues imaginar?

NOTA: As figuras históricas realçadas têm link para Cromos Biográficos na página do AML.

E agora que terminaste, numera as imagens e faz a correspondência entre a legenda e o mapa.

- 1 - Campo das Cebolas
- 2 - Estação Fluvial do Sul e Sueste
- 3 - Cais das Colunas
- 4 - Praça do Comércio (Terreiro do Paço)
- 5 - Estátua Equestre de D. José
- 6 - Arco da Rua Augusta
- 7 - Rua Augusta
- 8 - Elevador de Santa Justa
- 9 - Rossio (Praça D. Pedro IV)
- 10 - Largo de S. Domingos
- 11 - Igreja de S. Domingos
- 12 - Praça da Figueira





> Bibliografia

FRANÇA, José -Augusto, *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1965

SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (Dir.), *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa, Carlos Quintas & Associados – Consultores, Lda., 1994

Documentos eletrónicos consultados em 07-09-2020, disponíveis em:

<http://www.patrimoniocultural.cm-lisboa.pt>

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6491

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27895

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=3146

http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/11/07_ilha.pdf

http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/11/08_arquipelago.pdf

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-matanca-da-pascoa/>

<http://hdl.handle.net/10362/36535>

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/330082>

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/11/estacao-do-sul-e-sueste.html>

<https://diariodorio.com/curiosidade-carioca-o-calado-de-copacabana/>

> Soluções

Pág. 5 - A oliveira veio de Azinhaga do Ribatejo, local onde nasceu José Saramago e junto às suas raízes foram depositadas as cinzas do escritor.

Pág. 5 - Porque não havia ponte sobre o rio Tejo e mesmo quando a ponte foi construída, em 1966, não fazia a ligação ferroviária. O comboio na ponte 25 de abril só foi inaugurado em 1999. Imagina a diferença que fez na vida das pessoas que diariamente tinham que vir para Lisboa trabalhar! Já andaste alguma vez no comboio da ponte?

Pág. 6 - A palavra fluvial vem do latim fluvius e quer dizer 'do rio'.

Pág. 8 - 17 de junho a 12 de setembro de 1939; 11 de julho a 12 de agosto de 1938.

Pág. 9 - Resposta livre.

Pág. 11 - É a pata esquerda, porque a pata do lado direito está dobrada.

Pág. 12 - Relógio.

Pág. 14 - Rua da Augusta Figura do Rei. Sabes que o rei homenageado nesta rua é D. José I.

Pág. 17 - No famoso calçadão de Copacabana que fica na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Para o construir, em 1906, foram usadas pedras de calcário e basalto negro vindas de Portugal e até um grupo de profissionais calceteiros portugueses.

Pág. 18 - O massacre teve início a 19 de abril de 1506 e durou três dias.

Pág. 18 - Ginjas, claro, maceradas em açúcar e aguardente.

Pág. 20 - Incêndio.

